Informativo da Sociedade Canoa de Tolda e do Baixo São Francisco

06
ANO 4

Jan/Fev
2010

A MARGEM

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

E O LIXO VAI VIRANDO PAISAGEM

A questão do tratamento dos resíduos sólidos, agora mais e mais complexa com o *e-lixo*, é um desafio para todas as regiões

pag. 3

No cartaz, a chata de Zé Miguel, do Mocambo

pags. 4 e 5

história de canoeiro:
Prosa com S. Valdemar da Candelária

pag. 6

a cabeça pensa, as mãos fazem:
Eraldo, da Ilha do Ferro, e seu mundo em madeira

pag. 7

«...atravessamos o mundo e batemos aqui nesta foz do tal do rio São Francisco...viagenzinha longa, mas vale a pena... aqui ninguém nos incomoda, a gente pega um bronze a vontade, e o povo indo e vindo, nem aí...sacudindo mais coisa para encher o pedaço...é bom, que fica animado e a gente vai se espalhando: na areia, na água, voando de terra adentro, pelo mato... e tem coisa melhor?...»

Garrafas PETs encontradas na foz do São Francisco - tem muito mais e de tudo

É Prosa Ligeira

Este número do A Margem tem alguma importância para nós, pois com ele temos um ano de edições com este novo formato. O projeto inicial aprovado pelo MinC - Ministério da Cultura, previa a edição de seis números. Conseguimos, e isto é ótimo, a complementação deste patrocínio - ainda através da Lei Rouanet, de incentivo à cultura - no final de 2009, o que nos permitirá ir um pouco mais além. Mas é necessário que se consigam recursos para que este projeto fique, de fato, permanente. É interessante notar que os recursos obtidos foram conseguidos no sul do país e não na nossa região: é um mal sinal, indicando o valor que é dado à iniciativas culturais e educacionais. Que pena, não é mesmo?

Hoje temos uma tiragem da ordem de 3000 exemplares, porém, o ideal seria o dobro: há uma grande demanda do A Margem, sobretudo por professores e alunos de segundo grau de toda a região. Estamos fazendo o possível para atender, cada vez melhor, à todas as expectativas. Isto passa, também, pela capacitação de novos membros de nossa equipe de produção, o que acelera a elaboração do jornal, além de manter o calendário das edições. Que esse jornal dure muito.

A capa

No Pontal do Peba, em Piaçabuçu, AL, uma simples pilha - de muitas - que apodrece vem se acomodar, de forma tranqüila, à paisagem local. Aparentemente, não causa incômodo a ninguém. Tanto é que ali foi jogada, e ali permanece - mas compromete ainda mais um local extremamente degradado de todas as formas. As garrafas de água mineral são uma amostra de que hoje o lixo não tem fronteiras. Provavelmente jogadas de forma irresponsável por um tripulante de navio, vieram dar em nossas praias, compondo a paisagem local e engrossando o pouco caso nativo com o trato do lixo. **Imagens Canoa de Tolda / Rio de Baixo.**

O cartaz

E mais uma chata que não mais navega. A de Zé Miguel, lá do Mocambo, hoje afundada no porto do Porto Real do Colégio, só a ponta de um mastro fora d'água. Este fotograma foi extraído de vídeo gravado em 2008, no porto de Niterói, Porto da Folha, durante uma viagem com a canoa Luzitânia. Era bem visível o estado precário da canoa que, ainda assim fazia sua linha entre o sertão e Propriá. Ficou para trás. **Imagem Canoa de Tolda / Rio de Baixo.**

Expediente

COORDENAÇÃO PROJETO JORNAL A MARGEM
Carlos Eduardo Ribeiro Junior
REDAÇÃO E REVISÃO: Carlos Eduardo Ribeiro Junior, Paulo Paes de Andrade
CONCEPÇÃO GRÁFICA: Canoa de Tolda
EDITORAÇÃO: Carlos Eduardo Ribeiro, Daiane Fausto dos Santos
CORRESPONDENTES: Antonio Felix Neto
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Revista Manuelzão
APOIO DE SEDE: Daiane Fausto dos Santos
LOGÍSTICA/DISTRIBUIÇÃO: Daiane Fausto dos Santos
PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO/RESPONSÁVEIS:
Piranhas - Fagna (82)36863145
Povoado Entremontes - Da. Cecília e Aldinho (82) 36866022
Povoado Cajueiro - Vandefátima (79) 88145203 e 88179217
Povoado Mato da Onça - Alciane (82) 91496273 e 96344917
Povoado Bonsucesso - Quitéria (82) 33381012
Povoado Ilha do Ferro - Toinho (82) 3624 8005 e 3624 8006
Pão de Açúcar - Gal (82) 99574221
Povoado Niterói - Jackson Brás (82) 96236314
Comunidade Indígena Xocó da Ilha de São Pedro - Naná (82) 96051036
Vila Limoeiro - S. Chico Marceneiro
Belomonte - S. Oliveira Canoeiro
Povoado Barra do Ipanema - Isabel e Cheila
Povoado Cazuqui - Denise Farias de Medeiros (79) 99715596
Gararu - Marta Maria e Beda da Tabanga
Traipu - Jackson do Museu
Povoado Escuriais - Maguinho da Sucam (79) 3316 5009
Povoado Munguengue - Joelma de Marilene (82) 35361737/36
Povoado Tibiri - Da. Maria (82) 35556023
Povoado da Saúde - S. Evaldo da Associação de Pescadores
Povoado Penedinho - Petrucio do Pitu (82) 91315186
Ilha das Flores - João Pintor (79) 3337 1230
Povoado Potengy - Ana de Tonho do Cabeço
Povoado Saramem - Adriano Corcel
Povoado Cabeço - Dinha da Cocada e Doca (82)9101 7990

IMPRESSÃO: Infrograph - Gráfica e Editora
TIRAGEM: 3.500 exemplares

O informativo A Margem é uma iniciativa da Sociedade Canoa de Tolda. Cartas, sugestões, contribuições de interesse das questões do São Francisco são bem vindas - podendo ou não ter publicação integral. A reprodução de textos e imagens é permitida e incentivada, desde que sejam citados a fonte e o autor. Artigos com autoria não exprimem necessariamente a posição da editoria, da entidade ou do Projeto A Margem.

Material impresso com papel 100% Reciclado

FARÓIS

LIXO É UM PROBLEMÃO, todos sabem disso. Porém, em todo o Baixo São Francisco, a forma como (**não**) é tratado assusta a qualquer um. Um exemplo a não ser seguido, como é o caso de **Porto da Folha** onde há um despejo enorme - numa bela serra, que oferece uma linda vista de toda a paisagem, inclusive do rio São Francisco - na **estrada que desce para Gararu**. Estaria a população sensível a tal situação? É uma boa pergunta. A questão dos resíduos sólidos, além dos lançamentos de esgotos sem tratamento em rios, lagoas e canais, é mais do que urgente. É algo que começa na casa de cada um de nós. No **lixão** do Porto da Folha, olhando ao redor, com o cuidado de evitar o enxame de moscas, fica muito clara a gravidade do quadro: o patrimônio natural nosso é muito pouco valorizado e é uma situação que é praticamente a regra geral em todo o Baixo São Francisco.

Imagem: Arquivo Canoa de Tolda/Rio de Baixo

ATENÇÃO: RISCO DE MORTE! No povoado Lagoa Comprida, em São Brás, AL, a CEAL - Cia. de Eletricidade de Alagoas, sem maiores problemas, **atravessou um cabo de alta tensão** entre a margem do rio e uma quase ilha (abaixo do Munguengue). Tudo irregular: a altura do fio, que compromete a navegação e coloca a vida de quem passa em risco; a falta de qualquer aviso. O resultado, lamentável, foi o eletrocutamento de um casal que navegava em dezembro (com uma pequena embarcação a vela do tipo Hobie Cat 16) que tocou o fio com o mastro provocando um acidente gravíssimo. Quase custou a vida dos dois, que foram socorridos pelas pessoas do povoado. É bom lembrar que a navegação no São Francisco é um direito assegurado a todos nós, dentro, naturalmente, das regras estabelecidas pela **Marinha do Brasil** e, em caso de navegação comercial, também pela **ANTAQ - Agência Nacional de Transportes Aquaviários**. O gabarito (a altura em relação à água) para qualquer objeto que atravesse o rio São Francisco deve ser semelhante ao da ponte de Propriá a qual, quando construída, já causou muitos problemas. A situação atual impede, inclusive, o acesso de embarcações como a canoa Luzitânia (completamente regularizada e tombada como patrimônio histórico nacional) a um dos bons portos do Baixo São Francisco. Na data da publicação desta edição, o fio ainda se encontrava no local, perigosamente, traiçoeiro, esperando a vinda de mais uma vítima.

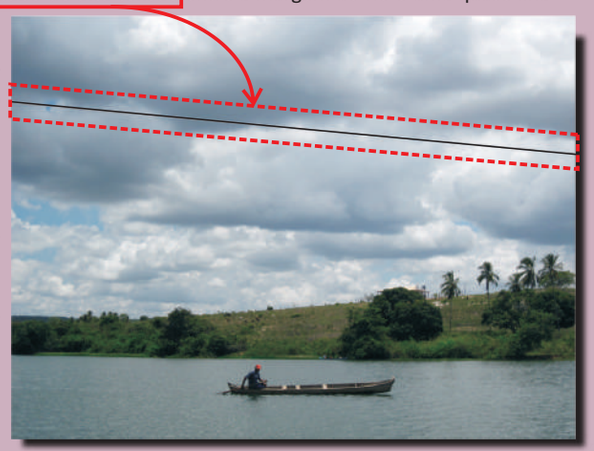


Imagem: Arquivos Canoa de Tolda / Rio de Baixo

DO RIO DE CIMA, nos chega a notícia do lançamento de mais um livro de nosso colaborador, o Zanoni Neves. Zanoni lembra que "intelectuais da primeira metade do século XX mencionaram o Rio SãoFrancisco em seus estudos e relatos de viagens, elaborando epítetos e/ou apostos como "o grande caminho da civilização brasileira", "o rio da unidade nacional", que ressaltam sua importância para o Brasil-nação. Nos dias atuais, o grande rio é alvo de estudos acadêmicos e da ação dos movimentos sociais que visam suar evitalização. Com a publicação deste livro (RIO SÃO FRANCISCO HISTÓRIA, NAVEGAÇÃO E CULTURA),nosso propósito é dar continuidade à reflexão sobre a importância histórico-cultural do Rio São Francisco para a sociedade brasileira. Nesse particular, o autor tem dado uma valiosa contribuição no campo das Ciências Humanas para o conhecimento da região banhada pelo grande rio sem perder de vista sua relação com os polos hegemônicos da sociedade nacional." (EDITORA UFJF)

UM PROJETO
CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SÓCIO AMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

IMAGENS/REPORTAGENS VIA
Rio de Baixo
Centro de Audiovisual do Baixo São Francisco

EMBARCAÇÕES/NAVEGAÇÕES VIA
Projeto LUZITÂNIA

APOIO CULTURAL NA IMPRESSÃO
Gráfica & Editora Infograph

APOIO LOGÍSTICO NA DISTRIBUIÇÃO
CODEVASF 5a. SR/AL

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Canoa de Tolda - Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco
CNPJ 02.597.836/0001-40
Sede - R. Jackson Figueiredo, 09 - Mercado - 49995-000 Brejo Grande SE
Tel/Fax (79) 3366 1246

Alagoas - R. Mestre Francelino, 255 - Centro - 57210-000 Piaçabuçu AL
Tel (82) 3552 1570
End. eletrônico **canoadetolda@canoadetolda.org.br** e **ygara@ygara.arq.br**
Internet **www.canoadetolda.org.br**

Esse é danado, o tal do e-lixo

O povo não para de comprar celular, tv e som. E «sacudir no mato», não dá certo, não.

Texto base: artigo de GABO BRAGA e JULIANA AFONSO - Estudantes de Comunicação Social da UFMG / REVISTA MANUELZÃO - no.44

Adaptação e textos Complementares CANOA DE TOLDA

O mundo mudou muito, está «crescendo», não há dúvidas. E, um dos principais sinais que mostra isso é o acúmulo de lixo por todos os lugares onde por onde anda ou vive o tal do bicho homem. Tudo é «sacudido no mato»: uma tristeza e um problema sério. A pessoa fica na dúvida de como se livrar de uma geladeira ou uma tv velhas, um fogão desmantelado. O que fazer? É uma situação que todos nós enfrentamos quase que todos os dias. Mais recentemente, ao lixo já conhecido, veio se juntar o lixo eletrônico, também conhecido como **e-lixo**. É coisa para se preocupar ainda mais.

O professor do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais da Universidade Federal de Minas Gerais - **UFMG**, , Marcelo Mansur, define: «lixo eletrônico é todo material que não é mais utilizado, proveniente de computadores, pilhas, baterias, celulares, microcomputadores, impressoras, cartuchos de impressoras e eletrodomésticos». Além dos circuitos elétricos, o e-lixo também possui plásticos, metais e elementos químicos em sua composição. É danada, a coisa.

COM O GRANDE AUMENTO DO CONSUMO desse tipo de equipamento nos últimos anos, um problema que parecia longe, se chegou: o que fazer com o descarte do e-lixo? Para piorar a situação, encontram-se dois vilões na história: a curta vida útil (dos equipamentos) e o seu barateamento. Estima-se que em três anos, todas as televisões convencionais (de tubo de imagem) estarão superadas. Mais baratos, os produtos ficaram ao alcance de pessoas que não podiam comprá-los coisa de quinze anos atrás. «Vivemos numa sociedade de consumo, o que é estimulado a todo tempo. Teremos cada vez mais resíduos para tratar», diz Mansur, que completa: «precisamos desenvolver métodos para tratar isso em grande escala».

PARA DESCARTAR O LIXO ELETRÔNICO não basta apenas depositá-lo em alguma área isolada. O local correto é uma **usina de triagem** e **compostagem**, onde é feita a separação do material reciclável para sua posterior comercialização. Em Minas Gerais, hoje, há cerca de 100 usinas de triagem em funcionamento, e ainda assim o número é muito inferior ao necessário. No Baixo São Francisco, a situação é mais do que grave. A região não dispõe de qualquer estrutura para tratamento e aproveitamento adequados de resíduos sólidos.

A professora do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental (Desa) da UFMG, Liséte Celina, afirma que, «não havendo esta possibilidade, o aterro sanitário seria o melhor destino». Não é o ideal. É uma meia sola. O lixo é depositado, compactado e coberto por uma camada de terra, repetindo-se o procedimento a cada ciclo. «o problema do aterro, é que você perde o material, não utiliza mais. O aterro é um depósito», ressalta Mansur. Mas a situação é ainda pior. Ele alerta que o e-lixo, em sua maioria, não está indo para aterros, mas para lixões, locais onde o lixo fica exposto sem nenhum tipo de preparação anterior do solo.

A EXPOSIÇÃO AO E-LIXO pode causar uma série de danos à saúde, já que estes materiais são compostos de **elementos** como o **chumbo**, **cádmio** e **mercúrio**, que estão associados ao câncer e a problemas do sistema nervoso central. Além de conter **metais pesados** em larga escala, os eletrônicos despejados em aterros não licenciados ou em lixões podem contaminar o solo e o **lençol freático**. Mansur lista «a poluição de água e contaminação por metais em peixe e em vegetais» como as principais formas de contaminação do meio ambiente e, posteriormente, do ser humano. Há, também, um outro e-lixo que preocupa: os que contêm gases. Liderando esta lista estão os refrigeradores e os condicionadores de ar: além de possuírem metais pesados, têm diversos gases que prejudicam diretamente a camada de ozônio. O contato direto com as vias respiratórias, pode causar danos, como queimaduras.

APESAR DOS RISCOS, OS GANHOS FINANCEIROS vêm atraindo cada vez mais gente para o ramo da coleta do e-lixo. «O resíduo não é perigoso e sim proveitoso, muita gente não conhece o que tem nesse material. Dá para vender de R$0,15 a R$ o quilo (sucata R$0,15, placas R$3 e cobre R$10 - em 2008) e ainda vêm buscar o material», fala um sucateiro autônomo de Belo Horizonte em entrevista à aluna de mestrado no Programa de Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos da UFMG, Rosana Franco. Outro catador conta sobre o manejo com tubos encontrados em TVs e computadores e que contêm quantidade elevada de chumbo: «esse negócio é danado mesmo, quando corta não cicatriza». Mas acredita que o ofício compensa.

A RECICLAGEM É VISTA PELOS ESPECIALISTAS como a melhor opção. Os equipamentos eletrônicos apresentam uma série de materiais que podem ser reciclados e reutilizados na fabricação de novos materiais. «Se você pegar uma tonelada de mineral e uma tonelada de equipamento eletrônico, tem mais ouro nos equipamentos», afirma Rosana Franco. A comparação feita por ela também vale para metais como o níquel e o cobalto. Os plásticos, presentes em praticamente todos os materiais eletrônicos, também podem ser recuperados.

Foto: Arquivo Carlos Eduardo Ribeiro/Canoa de Tolda

Pilhas, baterias e resolução esquecida (?)

Há duas maneiras de reciclar pilhas e baterias: a **pirometalurgia** e a **hidrometalurgia**. A primeira é a queima desses metais, gerando um óxido colorido que é utilizado como pigmento (o aditivo que dá cor às tintas). O Prof. Mansur diz que este procedimento «não é o melhor. Você tem um material muito caro e o utiliza como pigmento. Mas já é melhor do jogar a pilha fora». A hidrometalurgia, desenvolvida por ele e pelo Prof. Wilfrid Keller, do Desa/UFMG, consiste em jogar um ácido dentro das pilhas, formando uma solução de metais que serão, depois, separados. Apesar de mais trabalhoso, «você consegue reutilizar os metais para fazer outras baterias», confirma Mansur.

A resolução no. 257 do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente), de 1999, trata apenas de um tipo de e-lixo: pilhas e baterias. Ela diz que tais itens com baixos teores de cádmio, chumbo e mercúrio podem ser descartados como lixo doméstico, desde que o aterro seja licenciado. Porém, o consumo destes vem aumentando nos últimos dez anos tornando alto esse «baixo» teor de metais pesados. Segundo Mansur, só de baterias de celular, crescem 20% ao ano. A lei atribui aos fabricantes a responsabilidade de coleta. Muitos, porém, não apresentam plano de descarte e alegam que as pilhas estão dentro das determinações exigidas. O custo de recolher o e-lixo e reaproveitá-lo deveria ser dividido «entre o produtor, o vendedor e o consumidor. É uma responsabilidade conjunta», afirma Rosana Franco.

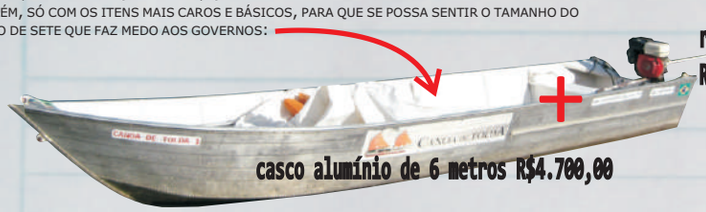
TO CARO ASSIM FISCALIZAR E PROTEGER O MEIO AMBIENTE?

ESTAVA ANOTADO, PARA NÃO ESQUECER. RECENTEMENTE, EM REUNIÃO DO COMITÊ DA BACIA DO SÃO FRANCISCO, APRESENTAMOS UM RELATÓRIO DE MONITORAMENTO DA FOZ DO SÃO FRANCISCO - QUE SEGUE SEM QUALQUER ATENÇÃO DOS GOVERNOS FEDERAL, DE SERGIPE E DOS MUNICÍPIOS DO ENTORNO -, ONDE A SITUAÇÃO É MUITO GRAVE. ENTÃO, VEM -MAIS UMA VEZ - À TONA A AUSÊNCIA QUASE QUE TOTAL DOS ÓRGÃOS DE FISCALIZAÇÃO E PROTEÇÃO AO MEIO AMBIENTE NA REGIÃO. ELES EXISTEM PARA ISSO.

NO ENTANTO, OS PODERES PÚBLICOS INSISTEM EM EXPLICAÇÕES E DESCULPAS PARA SUA INEFICIÊNCIA, OU PARA SITUAÇÕES PROBLEMÁTICAS QUE, POR UMA SÉRIE DE RAZÕES SÃO MAL RESOLVIDAS, OU JAMAIS SOLUCIONADAS. A LISTA É GRANDE, MAS UMA DAS PREFERIDAS PARA A INÉRCIA E OS INSUCESSOS É: «NÃO TEMOS RECURSOS HUMANOS, EQUIPAMENTOS, OU VERBAS PARA TAL...» O QUE DEVEMOS PENSAR?

POIS. *S'IMBORA* FAZER UMA COMPARAÇÃO MIÚDA. NO CASO DE NOSSO RELATÓRIO, QUE MOSTRA UM DIA DE ATIVIDADE NA FOZ DO SÃO FRANCISCO, OS VALORES DOS CUSTOS FINAIS DA CANOA DE TOLDA INDICAM, TALVEZ DE FORMA ATÉ INGÊNUA, QUE QUALQUER ALEGAÇÃO DE ÓRGÃO PÚBLICO - GOVERNO FEDERAL, IBAMA, GOVERNO ESTADUAL E SECRETARIAS, ALÉM DOS MUNICÍPIOS - NÃO CABE PARA A SITUAÇÃO. SÃO CHOROS QUE DESMERECEM OS DITOS. E A SITUAÇÃO VAI PIORANDO. VEJAMOS, PORTANTO, QUANTO CUSTOU PARA O CAIXA DE NOSSA ENTIDADE A VIAGEM ATÉ A FOZ, NUMA CONTA SIMPLES, AÍ AO LADO:

SIM, HÁ AINDA O EQUIPAMENTO, QUE TAMBÉM ENTRA NA LISTA DO CHORO OFICIAL. VAMOS LÁ TAMBÉM, SÓ COM OS ITENS MAIS CAROS E BÁSICOS, PARA QUE SE POSSA SENTIR O TAMANHO DO BICHO DE SETE QUE FAZ MEDO AOS GOVERNOS:



DO BLOCO DE NOTAS

4 sanduíches de alface, tomate, queijo de coalho, R$1,00 cada	R$4,00
3,8 litros de gasolina, para o rabeta, a R$3,79/litro	R$10,60
4 bananas, a R$1,50 na feira de Piaçabuçu, com Da. Tereza	R$0,50
2 laranjas, a 6 por R$1,00 na feira de Piaçabuçu, com o Galego	R$0,32
caneca d'água (é só pegar) do São Francisco, a R$0,00	R$0,00
um dia de domingo de dois cabras	deixa prá lá
Total:	**R$15,42**

+ câmera digital a partir de R$350,00 = R$6.500,00

CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SOCIO AMBIENTAL DO RAMO DO SÃO FRANCISCO

Foto: Carlos Eduardo Ribeiro © Canoa de Tolda/2009

"Chata de Zé Miguel"
chata de 30 sacos

Andei muito nesse rio, mas o rio tá acabado...

Prosa: S. Valdemar da Candelária, dos Escuriais

Reportagem: Canoa de Tolda

Ali na boca do sertão, nos Escuriais, mora S. Valdemar da Candelária. Com seus 85 anos, é uma botija de histórias e memória desse rio. Subindo ou descendo o rio, não se pode deixar de dar o porto e ter uma prosa, ali na área do fundo, a vista para o Bode. É deixar o homem falar e viajar com ele.

«Comecei esse movimento, garotão novo, com uns 12 anos, na canoa de meu pai, a Flor do Dia. Mais tarde, já maior, comprei a minha primeira canoa, uma chata, meio feiosa, assim, mas boa de pano toda. Custou, naquele tempo, 12 contos...carreguei com ela, muito sal, pegava lá na Parapuca, para lá da Parapitinga, hoje Brejo Grande...mas naquele tempo era Parapitinga. Mais tarde, possuí uma canoa melhor, a Candelária, de 400 sacos...fazia a maré ali na Criminosa, quase na boca do rio, e subia carregado de côco. Era uma canoa boa, feita pelo Mestre Zé Rodrigues, lá de Traipu. Na Parapuca tinha um posto fiscal, numa casinha ali na boca do canal. Para controlar o movimento. Ainda tá ali? Mas, a gente tinha que inventar... quando passava ali no posto, enrolava uma notinha de 10 mil réis e sacudia pro fiscal...a malandragem vem desde o início do mundo...»

«Você teve com Romão lá no Mato da Onça? Era um cabôco bom. Dê um abraço bom nele. Foi meu canoeiro, bom de boca que só... ficava uma lapa de cabôco...o cabra comia mesmo...»

«Pois. De uns trinta anos para trás, vai um dia amanheci na Passagem, carregado de algodão, pra descarregar para a fábrica. Pela noite ainda tinha carga, e os homem para lá e para cá, com os sacos na cabeça...no domingo encostou um dos navio, o Brasiluso, o comandante era o Zé Banha (aquilo gostava de uma troça). Ele tinha um rádio, que era uma grande novidade para nós aqui...E chega o Zé Banha com o rádio, eu perguntando tem gente aí dentro? Como é esse diabo? E o Zé Banha então se chega e diz que lá fora já tem um aparelho que você vê o povo, fala, só falta dar a mão... era a tal da televisão... Mas o primeiro rádio por aqui nos Escuriais, foi de um delegado de nome Jaime. Naquela época só tinha dois partidos, a UDN e o PSB. O tal do Jaime era do PSB e tinha um outro cabra aqui, o Mané da UDN. Quando ia ouvir o rádio do Jaime, e saia alguma coisa da UDN, o Jaime desligava, já quando passava alguma coisa do PSB, botava nas alturas. E o Mané se enfezou e disse para a mulher: Consuelo - Consuelo era a mulher dele - vou vender uma vaca para comprar uma peste de aparelho igual ao do Jaime, mode esta fuleiragem comigo. E assim foi. Cada qual, com seu rádio falando do seu partido.»

«Essa história de Lampião era que tinha o Tonho Caixeiro, pai do governador Eronides Carvalho, que era o poderoso aqui. Muito mais que os Brito, lá de Propriá. Diz que até em Aracaju o homem andava, mais a Maria Bonita. Gostava de um luxo, da capital. Tinha os coiteiros... O Tonho Caixeiro, quando morreu, deixou 11 fazendas no sertão. Era um homem baixotezinho, filho do Saco dos Bois, ali na Monbaça, ali do outro lado, em Alagoas.

«Uma vez, aqui na Fazenda Campo Grande, aí para o centro, Lampião mandou um recado pedindo um trocado. O fazendeiro se negou. Foi então que Lampião mandou uns cabras, que desembarcaram aqui, na canoa Onça, de João Lixandre das Intãs, e puxaram para as Antas - era como chamavam Lourdes. Eram onze. Mataram dezoito vacas, de largar o facão na barriga. Até de vaca prenha, era bezerro espirrando para todo o lado. Foram duas turmas de cabras. Em Lourdes as duas turmas viram a volante botar para cima delas. Tiveram que correr, até com duas mulheres a reboque, a Esmeralda e uma tal de Ana. Deram sorte de escapar...»

«Depois, teve um cangaceiro, que era do bando de Lampião, que conseguiu escapar da bagaceira lá no Angico, o Zé Julião, que depois foi prefeito no Poço. Um caboquinho baixo, assim. Conheci muito ele, peguei na mão dele, não me descola a cabeça. Pois. Entrou no Bonsucesso, numa eleição, e carregou 3 urnas. Ninguém encarou. Ele dizia, quem quizer que venha, que eu estou levando as urna... Era assim a coisa naquele tempo...e Lampião era quem mandava. Tinha uma canoa, a Mantiqueira, que era de Milício, da Ilha do Ferro, um fino coiteiro de Lampião. Era tudo oculto, mas se falava muito nisso. Um dia, Lampião queria retribuir os serviços e chegou pra Milício: Milício, me diga o que vosmecê quer como meio de seviver... Milício, então, disse que com uma canoa a coisa ficava boa, mas não ousava, pois era coisa cara... e Lampião então disse... que faça esta canoa, homem, eu tô mandando... e todo o mês chegava o dinheiro para a paga do mestre, dos ajudantes e do material... e a canoa ficou um mundo, pra carregar tonelada, principalmente, do sertão para a Passagem... essa canoa, a Mantiqueira, acabou-se ali no pé do Cavalete, em Pão de Açúcar. Aliás, ali no pé do Cavalete se acabaram outras canoas, como a Igaritê, a Solimões, a Buenos Aires – as cavernas dessa aí foram sangradas a machadada para fazer carvão. Era uma canoa linda, feita por Mestre Nenem e Mestre Zuzinha, da Ilha do Ferro... Mestre Nenen não queria que ninguém ficasse olhando quando ele trabalhava, tinha o lombo com um couro que era um dedo, mode o sol...só trabalhava descamisado...Do outro lado, ali em frente, no Bode, se acabaram duas canoas, a Diligência e a Lusitana. Se acabaram ali. A Luzitana, de Cristóvão, carregava pedra, mas um dia ele puxou-la para terra, e a canoa se acabou ali. Em 49 eu andei nela...»

«Depois, muitas canoas subiram para o rio de cima. Ói, tinha um senhor, chamado Moisés Tambangue, morava nas Capoeiras, era dono da Tereza Góis. Bom, vou para o rio de cima. Nessa linha, ele tinha uma coitada na Saúde, mas fazia a obrigação dele, ajudava a moça. Pois. Quando o carretão, da linha do trem, baixou em Piranhas, ele era pequeno para a canoa. Ele desencaixotou a canoa, abriu os rombos, os fechos, tudo, para deixar a bicha menor – para passar na ponte do rio Moxotó, que era muito estreita. Assim, quando a canoa chegou lá em cima, em Jatobá, atual Petrolândia, já não foi para as águas, foi para terra, onde foi jogada. E foi, e foi, e ele, o homem, trabalhando para refazer a canoa. E a mulherzinha, que tinha ido mais ele, costurando na tolda, quieta. E o dinheiro se acabando. Veja você, com uma obra dessa, sem carrego, a canoa parada, em terra estranha...tudo contra... o dinheiro que restava, já comido de três partes, uma... e o trabalho ainda muito...e, num dia de domingo, ele estava lá, a coitada na costura, um sol medonho, quando veio um senhor, dali mesmo, meio lorde, que arrodiou, arrodiou, olhando, olhando, e se foi... bom, o que não deixa de não ser...com 5 minutos veio um menino de bicleta, com um escrito do homem: Mestre, se é por qualquer coisa, o serviço não para...fique tranqüilo, que nada irá faltar, e a primeira carga é minha. Ele mostrou para a mulher, o escrito. Ela quieta foi buscar lá no fundo da tolda, uma malinha de flandres – era o que se usava naquela época - , e abriu-la. Pois. Ali estava todo o dinheiro que ele dava para ela, mais tudo o que ela tinha trabalhado, comprando e vendendo criação, negociando com isso, com aquilo. Era muito dinheiro. E ela disse, não vamos precisar de dinheiro dos outros, tome, vamos acabar a canoa e colocar ela na carreira. Nada irá faltar...»

«É, mas o que passou não tem valor...ninguém dá valor...ficou pra trás...Hoje, essa turma nova vive graças à bóia dos véio...se fosse hoje para um pai comer a custa do rio...outra, a hora esticava. Um pouquinho... hoje só que saber onde anda o cartão...O meu cartãozinho é escondido...quando passa na máquina, o papel já sai deitadinho...»

“*Mas, menino, eu agora que plantei uma rocinha na várzea, logo no São José, tirá um milhinho no São João, e o rio tá subino...tá tudo mudado...agora é tempo de rio sêco, de água já voltada...a roça bonita, uma lindeza, e vou perder tudo....*” esse discurso, entre o revoltado, incrível e conformado é o que se ouve dos últimos resistentes que plantam pelo regime (já tão deixado, longe) das vazantes. Um sistema natural hoje eliminado, dominado, pelos já falados “pilotos dos destinos do rio” (*ver A Margem Mar/Abr 09*).

Mais uma vez, no mês de maio último, por se encontrarem cheios os reservatórios de Sobradinho (atingiu a cota dos 100%) e Itaparica (chegou a mais de 99%), decidiu a CHESF por aumentar as vazões abaixo de ambos (incluindo o Baixo São Francisco) a volumes que chegaram perto dos 3.000 metros cúbicos por segundo. Em Propriá, em razão das fortes chuvas locais, que fizeram correr os riachos, a vazão passou um pouco mais. Este quadro é completamente incompatível com o regime natural do São Francisco, e coloca em evidência também a questão, até hoje foi não devidamente discutida, das inúmeras barragens construídas em diversos perímetros irrigados, que em virtude da dinâmica atual do rio, apresentam problemas de drenagem.

Assim as águas correm: o IBAMA, que deveria ser o primeiro a se manifestar, os órgãos ambientais de Sergipe e Alagoas e as prefeituras municipais do Baixo São Francisco, não vieram a público para, claramente, se posicionarem sobre tão grave fato.

Também a sociedade civil (sobretudo agricultores, pescadores, enfim, todos os que dependem, mesmo em parte, da saúde do São Francisco), lamentavelmente, se fazem silenciosos, não ocupando o indiscutível e precioso espaço que lhes cabe na discussão sobre como deve ser o rio.

Acompanhe as vazões do São Francisco em www.canoadetolda.org.br

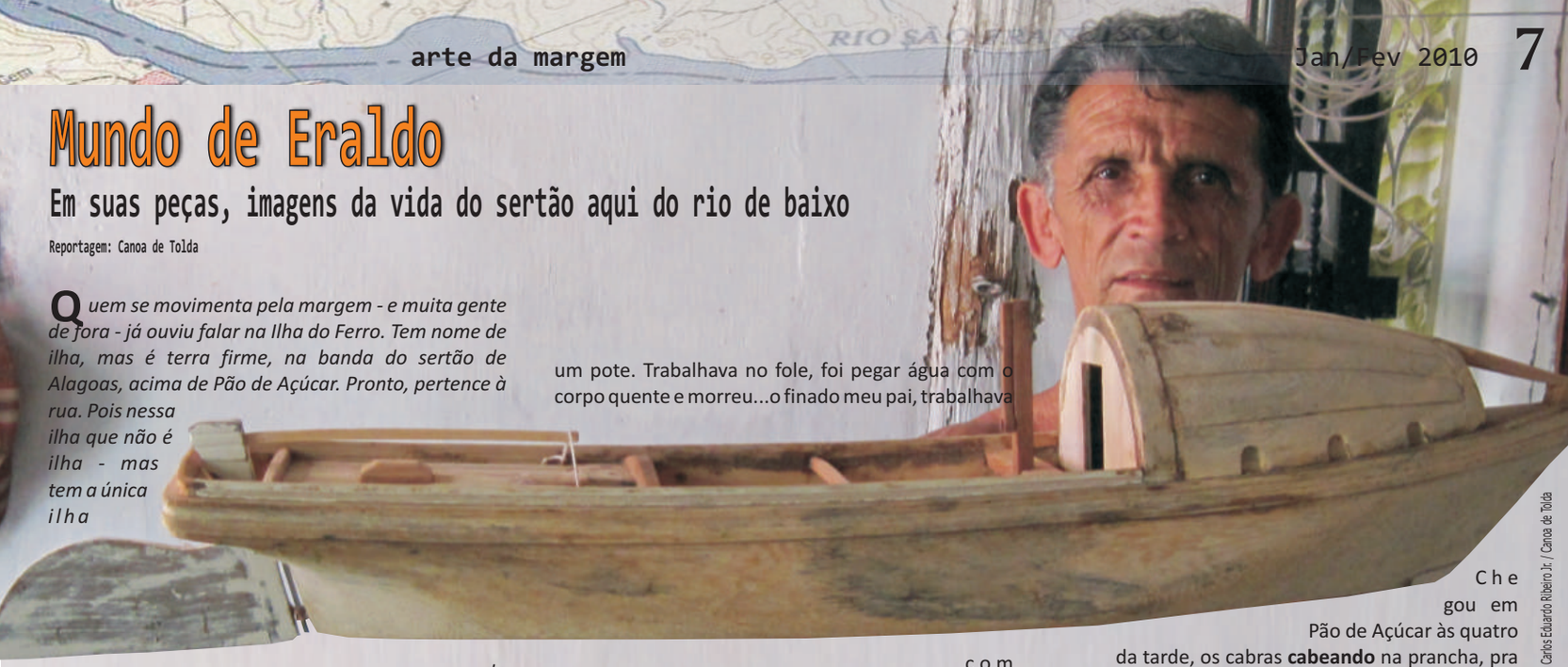
Foto: Paulo Paes de Andrade / Canoa de Tolda/Rio de Baixo

Foto: Carlos Eduardo Ribeiro Jr./Mar 08 - Região de Piaçabuçu, AL

Mundo de Eraldo

Em suas peças, imagens da vida do sertão aqui do rio de baixo

Reportagem: Canoa de Tolda



Fotos: Carlos Eduardo Ribeiro Jr. / Canoa de Tolda

Quem se movimenta pela margem - e muita gente de fora - já ouviu falar na Ilha do Ferro. Tem nome de ilha, mas é terra firme, na banda do sertão de Alagoas, acima de Pão de Açúcar. Pronto, pertence à rua. Pois nessa ilha que não é ilha - mas tem a única ilha do sertão do Baixo São Francisco bem defronte, - é onde se concentra um grande número de artesãs e artesãos de nome e qualidade. Tem a mulherada dos bordados, famosos como os do Entremontes, de rio acima, e tem os homens das artes em madeira, das esculturas que hoje estão se espalhando pela ai, até mesmo no sul. Desta viagem, fomos ter com Eraldo, que estava na sombra do pé de pau, atrás de sua casa, sossegado, no seu fazer, a zoadinha da faca cortando o mulungu, o cachorro embolado, dormindo no pé do banquinho. Tudo em ordem. Mas, a vida tem artimanhas: há alguns anos, quando vinha da feira de Pão de Açúcar, o caminhão em que Eraldo viajava, numa manobra infeliz, ao subir a ladeira do riacho Grande, derrapou e passou sobre sua perna esquerda. Durante vários meses Eraldo pelejou numa cama, indo e vindo para Maceió. Mas, está aí. Não pode mais exercer a arte da carpintaria naval, mas segue seu caminho e o que sua cabeça imagina, se dedicando às esculturas na madeira. O que Eraldo pensa e diz, é mais um exemplo da vida na margem.

«Meu nome é Eraldo Dias Lima, estou com sessenta e três anos, e sou daqui mesmo, da Ilha do Ferro. Na verdade, o povo Dias, Lima e Sandes é a assinatura desse lugar. Minha família toda se acabou antes do que eu, tudo morreu novo. Mestre Nenem, meu tio, fazia canoa de corrida, morreu com sessenta e três anos. Olha aí, como eu. Você sabe do acidente com minha perna, na ladeira do riacho Grande...não perdi porque tá aqui pegado, mas é um peso que não me tivesse agüento. Queria é que tirado ela.»

«Meu tio Tina, o finado Tina - ainda hoje tem gente que ainda tem aliança de ouro feita por ele. Morreu com um pote. Trabalhava no fole, foi pegar água com o corpo quente e morreu...o finado meu pai, trabalhava com couro. Ela sola bruta, mas bem feito. Naquele tempo das tuberculose braba, que não tinha remédio, eu com quatorze anos ele com quarenta e três. Então, comecei essa arte por mim mesmo, desde pequeno, fazia canoinhas de mulungu. Também uma vez, com Pedro de Aristide, ali no tamarineiro, em Pão de Açúcar, ele dizendo a mim. Hoje, tem peça vendida de Maceió pra cá, já foi tirado pro Recife, várias peças.»

«...quando trabalhava na arte da carpintaria, comecei também aqui mesmo...trabalhava com Nivaldo, como trabalhei na Luzitânia, lá no Mato da Onça, trabalhei com Zé Aurélio, fazendo os botes para a Associação do Bonsucesso...com Nivaldo descemo pra Traipu, para o serviço nas lancha de Tonho Cabôco, da Oriente...ele vendeu tudo e tá no movimento de ônibus...»

«aqui tinha muita canoa...mas acabou tudo...a canoa a pano, num vento bom é viagem boa. Tinha a canoa Havana, dum finado Batista, uma chata compridona, era no tempo do finado Codoca, da Jordânia...apois... a chata saiu de Propriá quando o vento caiu, umas oito da manhã. Chegou em Pão de Açúcar às quatro da tarde, os cabras **cabeando** na prancha, pra não tombar...já a Jordânia era uma chata larga, foi tio Nenem que fez...uma vez afundou-se no morro do Morcêgo e foi encostar no Boqueirão, mas não morreu ninguém não...depois das canoa, o finado Codoca passou a viajar de caminhão e mataro o homem indo de Alagoas para São Paulo...Codoca era povo do Jacaré, viviam ali por vida... Me lembro também da Irara, era uma canoa de Tonho Poderoso, sem rufo, estirada».

«Trinta anos atrás, o rio enchia, entrava peixe, era bom...quando a lagoa enchia, juntava o magotão de homem, cavava a barra, até o barro assoberbar em cima da água e fechar...para tapar a lagoa...até que apilava...não tinha porta d'água...era peixe, era tudo... Dia de quarta, ia o navio grande, prêto, o Comendador. Depois veio a Tupã, a Tupy, a Tupigy...a Tupã tinha dois andar. Hoje o rio é seco, homem, tinha muita água. Se fosse pra andar barco grande, não anda não. As lancha andam sêco...mas o transporte de lancha não tem perigo. Entrou num carro, o perigo já rola, mas o povo não se importa não...»

A manhã já vai se indo, o sol quente, o rio correndo, do jeito que se sabe. Eraldo também sabe e sente o como as mudanças vieram para cá, o que provocaram.

«E essa tranposição, tão fazeno a pulso. Pelo povo não fazia, não...mas, ninguém pode com o governo...quere fazer, fazem é a pulso, eles é quem manda. O povo é contra...»

Agora, pense como este jornal chega até aí!

QUARTA PARTE

SERTÃO

Texto: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR. Fotoreportagem de: DAIANE FAUSTO DOS SANTOS e VAGNER AUGUSTO LIMA Fotos de apoio: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR. / CANOA DE TOLDA / RIO DE BAIXO

NESSE DIA, PELA NOITE, ACONTECEU O ANIVERSÁRIO DE 15 ANOS DE JOCINHA DE VANÚSIA. O POVO, DALI MESMO, SE REUNIU, VEIO GENTE DO CENTRO. DEU PARA TODO O MUNDO BRINCAR, SE DISTRAIR. DEU BOM.

CLEMILTON, IRMÃO DA JOCINHA, JÁ ESPALHANDO SUA ARTE PELA CASA.

ALCIANE, NOSSA COLABORADORA NO POVOADO, TAMBÉM ESTAVA LÁ. ELA GOSTA DO PEIXE QUE O CLEMILTON FEZ COM UMA RAIZ.

É JOCINHA, VOCÊ TEM MUITA PELEJA PELA FRENTE. QUE VENHAM TEMPOS MELHORES, PARA VOCÊ E TODOS NÓS.

SEU ROMÃO, CANOEIRO VÉIO, ANDAVA ATÉ A PRAIA, SE CHEGA: «RAPAZ, GOSTARIA DE UM FAVOR...OCÊS PODE LEVAR UM PRESENTE PARA UM CANOEIRO AMIGO, É VADEMAR, LÁ NOS ESCURIAIS...ESSA CANOINHA AQUI...DIGA QUE FOI EU...QUE TÔ VIVO AQUI...»

NO TERCEIRO DIA, UMA PARADINHA, PARA ARRUMAR E MELHORAR NOSSO PONTO DE APOIO, NO MATO DA ONÇA DE CIMA. É, TAMBÉM, O TEMPO DE VER OS AMIGOS DO LUGAR.

A LANCHA ARRUMADA, A CANOINHA DE ROMÃO PARA VALDEMAR COM CUIDADO, É HORA DE PUXAR PARA BAIXO. MUITO CHÃO E MUITOS PORTOS PELA FRENTE. CHEGAR A GARARU ANTES DA NOITE.

MANHÃ CALMA, O VENTO AINDA NÃO CAIU. A VIAGEM PROMETE SER BOA, SEM PROBLEMAS.

PARADA NO MORRINHO, PARA DEIXAR JORNAL COM O GILA. ELE É UM DOS QUE APRECIA A LEITURA.

DAR O PORTO NA ILHA DO FERRO PARA DEIXAR O PACOTE DOS JORNAIS COM TOINHO, ESCULTOR, POETA E MÚSICO. ESTE POVOADO É CONHECIDO LÁ FORA PELOS SEUS ARTISTAS ESCULTORES EM MADEIRA E SUAS BORDADEIRAS.

CONVERSAR COM TOINHO É SEMPRE COISA BOA, SE APRENDE MUITO. PENA TER QUE CUIDAR.

AS CANOAS DE TOLDA E OUTRAS EMBARCAÇÕES SÃO PRESENÇA VIVA NA ARTE E NAS LEMBRANÇAS DO POVO AQUI DO BAIXO.

PASSAR NA ILHA E NÃO IR VER DA. JURA, PODE, NÃO. TOMAR UMA AGUINHA FRESCA, UM CAFÉ.

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO